DA AUTORA DE *Teto para dois*

A TROCA

BETH O'LEARY

intrínseca

A troca

BETH O'LEARY

Tradução de Ana Rodrigues

Copyright © 2020 Beth O'Leary Ltd

TÍTULO ORIGINAL
The Switch

PREPARAÇÃO
Stella Carneiro

REVISÃO
Agatha Machado
Carolina Vaz

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

entra catalogação

[2020]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

1

Leena

— Acho que devíamos trocar a ordem — digo a Bee, me levantando um pouco para poder falar com ela por cima da tela do meu computador. — Estou surtando. Você começa e eu termino, assim, quando chegar a minha vez, já vou estar menos, você sabe... — Agito as mãos para tentar passar uma ideia do meu estado mental.

— Com as mãos menos empolgadas? — retruca Bee, inclinando a cabeça para o lado.

— É sério. Por favor.

— Leena. Minha querida amiga. Luz que me guia. Minha chata favorita. Você é muito melhor do que eu para começar apresentações, e não vou trocar a ordem das coisas agora, dez minutos antes do update para os acionistas do nosso principal cliente, assim como não trocamos a ordem na última apresentação para o conselho, ou na apresentação antes dessa, ou na anterior, porque seria loucura e, para ser bem sincera, não faço ideia do que está nos slides de abertura.

Afundo na minha cadeira.

— Tudo bem. Ok. — Eu me levanto de novo. — Só que dessa vez estou *realmente* sentindo...

— Hummm — diz Bee. — Claro. Pior do que nunca. Tremendo, as palmas das mãos suadas, tudo junto. Só que, assim que você entrar lá, vai ser incrível e cativante como sempre e ninguém vai perceber nada.

— Mas e se eu...

— Não vai.

— Bee, acho mesmo...

— Sei que acha.

— Mas dessa vez...

— Faltam só oito minutos, Leena. Tente aquele negócio de respirar.

— Que negócio de respirar?

Bee faz uma pausa.

— Você sabe. Respirar?

— Ah, só respirar normalmente? Achei que você estava falando de alguma técnica de meditação.

Ela dá uma risadinha debochada. Então faz outra pausa.

— Você já lidou centenas de vezes com cenários piores do que esse, Leena — diz.

Estremeço, a xícara de café entre as mãos. O medo está alojado em um espaço oco na base da minha costela, tão real que parece algo físico — como uma pedra, um nó, alguma coisa que daria para cortar com uma faca.

— Eu sei — respondo. — Sei que já lidei.

— Só precisa recuperar sua autoconfiança — continua Bee. — E a única maneira de fazer isso é entrando no ringue. Certo? Pelo amor de Deus! Você é Leena Cotton, a consultora sênior mais jovem no mercado, a revelação de 2020 da Selmount Consulting. E... — ela abaixa a voz — em breve... um dia... codiretora do nosso próprio negócio. Não é?

É. Só que não me *sinto* como essa Leena Cotton.

Bee está me observando agora, as sobrancelhas bem delineadas quase juntas de preocupação. Fecho os olhos e tento afastar o medo, e funciona por alguns instantes: tenho um vislumbre da pessoa que eu era um ano e meio atrás, a pessoa que faria uma apresentação como essa em um piscar de olhos, sem se abalar.

— Vocês estão prontas, Bee, Leena? — pergunta o assistente do CEO, enquanto atravessa o andar onde ficam os escritórios da Upgo.

Eu me levanto e sinto a cabeça girar, então uma onda de náusea me atinge. Agarro a beirada da mesa. Merda. *Isso* é novidade.

— Você está bem? — pergunta Bee em um sussurro.

Engulo com dificuldade e espalmo as mãos na mesa até meus pulsos começarem a doer. Por um momento, acho que não vou conseguir — não vai dar, Deus, estou tão *cansada* —, mas então, por fim, a determinação fala mais alto.

— Com certeza — digo. — Vamos acabar logo com isso.

Meia hora se passou. Não chega a ser um período especialmente longo. Não dá para ver um episódio inteiro de *Buffy* nesse tempo, ou... ou assar uma batata grande. Mas *dá* para destruir totalmente a própria carreira.

Tive tanto medo de que alguma coisa assim acontecesse. Já faz um ano que venho vacilando no trabalho, errando por falta de atenção, por descuido, o tipo de coisa que eu simplesmente *não faço*. É como se desde a morte de Carla eu tivesse mudado a mão com que escrevo e, de repente, passasse a fazer tudo com a mão esquerda, não com a direita. Mas tenho me esforçado tanto, me obrigando a seguir em frente, que achei sinceramente que estava conseguindo.

Obviamente não era o caso.

Achei de verdade que ia morrer naquela reunião. Já tive um ataque de pânico antes, na faculdade, mas não foi tão forte quanto esse. Nunca me senti tão sem controle de mim mesma. Foi como se o medo tivesse rédea solta: agora ele não era mais um nó apertado, passou a ter tentáculos, que apertavam com força os meus pulsos e tornozelos e cravavam as garras em meu pescoço. O coração começou a bater muito rápido — e mais rápido, e mais rápido —, até eu ter a sensação de que ele já não fazia mais parte do meu corpo, como um passarinho se debatendo desesperadamente, preso no peito.

Ter errado *um* dos números de faturamento teria sido perdoável. Mas depois que isso aconteceu, a náusea voltou com força total e errei mais um número, e outro, então a minha respiração começou a sair muito ofegante, e meu cérebro se encheu de... não, não foi uma névoa, foi mais como uma luz forte, muito forte. Forte demais para que eu conseguisse ver qualquer coisa além dela.

Por isso, quando Bee se adiantou e disse *permita que eu...*

Ou quando outra pessoa falou *ah, por favor, isso é vergonhoso...*

E quando, por fim, o CEO da Upgo Finance disse *acho que já vimos o bastante aqui, não acham...*

Eu já não aguentava mais. Estava com o corpo dobrado, arquejando, certa de estar prestes a morrer.

— Está tudo bem — dizia Bee agora, as mãos segurando as minhas com força. Havíamos nos enfiado em uma das cabines fechadas de telefone, no canto dos escritórios da Upgo. Bee tinha me levado para lá, eu ainda hiperventilando, o suor encharcando a blusa. — Estou com você. Você está bem.

Cada respiração saía em um arquejo entrecortado.

— Acabei de fazer a Selmount perder a conta da Upgo, não é? — consegui falar.

— A Rebecca está em uma ligação com o CEO de lá agora. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem. Vamos, apenas respire.

— Leena? — alguém me chama. — Leena, você está bem?

Mantive os olhos fechados. Talvez, se eu permanecer assim, essa acabe não sendo a voz da assistente da minha chefe.

— Leena? É a Ceci, assistente da Rebecca.

Droga. Como ela *conseguiu* chegar aqui tão rápido? Os escritórios da Upgo ficam a pelo menos vinte minutos de metrô da sede da Selmount.

— Ah, Leena, que confusão! — exclama Ceci. Ela se junta a nós na cabine e fica esfregando o meu ombro em círculos irritantes. — Tadinha. Isso mesmo, chore, desabafe.

Na verdade, não estou chorando. Solto o ar lentamente e olho para Ceci, que está usando um vestido de grife e tem um sorriso particularmente alegre no rosto, e lembro a mim mesma, pela centésima vez, como é importante apoiar outras mulheres no mercado de trabalho. Acredito do fundo do coração nisso. É um princípio que me norteia, e é como planejo chegar ao topo da minha carreira.

Mas, sabe como é, mulheres continuam sendo pessoas. E algumas pessoas são simplesmente abomináveis.

— O que podemos fazer por você, Ceci? — pergunta Bee, entre dentes.

— A Rebecca me mandou aqui para checar como você estava — responde Ceci, se dirigindo a mim. — Sabe, depois do seu... — Ela agita os dedos. — Da sua *vaciladinha*. — O iPhone dela vibra. — Ah! Chegou um e-mail dela.

Bee e eu esperamos, os ombros tensos. Ceci lê o e-mail com uma lentidão desumana.

— E então? — pergunta Bee.

— Hum? — diz Ceci.

— Rebecca. O que ela falou? Ela... eu fiz a gente perder a conta? — forço a pergunta.

Ceci inclina a cabeça, os olhos ainda fixos no celular. Esperamos. Posso sentir a onda de pânico também esperando, pronta para me arrastar para o fundo.

— A Rebecca conseguiu dar um jeito na situação... Ela não é maravilhosa? Vão manter a Selmount nesse projeto e foram *muito* compreensivos — diz Ceci por fim, com um sorrisinho. — Ela quer ver você agora, portanto é melhor correr de volta para o escritório, não acha?

— Onde? — pergunto, preocupada. — Onde a Rebecca quer que eu me encontre com ela?

— Hum? Ah, na Sala 5c, no RH.

É claro. Onde mais ela poderia me demitir?

Rebecca e eu estamos sentadas uma na frente da outra. Judy, do RH, está do lado dela. Não vejo como um bom sinal o fato de Judy estar sentada do lado de Rebecca e não do meu.

Rebecca afasta o cabelo do rosto e me olha com uma expressão que é uma mistura de pena e solidariedade, o que só posso encarar como um péssimo sinal. Essa é Rebecca, a rainha do rigor, mestra em acabar com as pessoas no meio de reuniões. Ela uma vez me disse que esperar o impossível é o único caminho verdadeiro para os melhores resultados.

Para resumir, se ela está sendo legal comigo, quer dizer que desistiu.

— Leena — começa Rebecca. — Você está bem?

— Sim, claro, estou ótima — digo. — Por favor, Rebecca, me deixe explicar. O que aconteceu na reunião foi... — Paro no meio da frase, porque Rebecca está agitando a mão, o cenho franzido.

— Escuta, Leena, sei que cumpre muito bem seu papel, e Deus sabe que amo você por isso. — Ela olha de relance para Judy. — Quer dizer, a Selmount valoriza a sua atitude... determinada, proativa. Mas vamos falar francamente. Você está um caco.

Judy tosse baixinho.

— Por isso, nos perguntamos se você não estaria tendo um ligeiro esgotamento — continua Rebecca sem delongas. — Checamos seu registro... Você sabe quando foi a última vez que tirou alguns dias de férias?

— Isso é... uma pegadinha?

— Sim, é, Leena, porque ao longo do último ano você não tirou *nenhum dia de férias*. — Rebecca encara Judy com severidade. — O que, a propósito, não deveria nem ser possível.

— Eu já disse — retruca Judy, entre dentes — que não sei como ela fez isso!

Eu sei como fiz. O Departamento de Recursos Humanos é só fachada na hora de garantir que os funcionários tirem os dias de férias a que têm direito anualmente. O que fazem na verdade é apenas mandar um e-mail duas vezes ao ano avisando quantos dias o empregado tem restantes, com algumas frases encorajadoras sobre "bem-estar", "a nossa abordagem holística" e "ficar off-line para maximizar o próprio potencial".

— É sério, Rebecca, estou ótima. Lamento demais que o meu... que eu tenha perturbado a reunião dessa manhã, mas se você me deixar...

Mais cenhos franzidos e acenos com a mão.

— Leena, sinto muito. Sei que tem sido uma época muito difícil para você. Esse projeto é absurdamente estressante, e há algum tempo tenho a sensação de que não fizemos o certo ao alocá-la nele. Sei que costumo ser debochada ao falar esse tipo de coisa, mas realmente me importo com o seu bem-estar. Por isso, conversei com os sócios, e estamos tirando você do projeto Upgo.

Estremeço subitamente, um tremor absurdo, dos pés à cabeça, meu corpo me lembrando de que ainda não estou no controle de mim mesma. Abro a boca para argumentar, mas Rebecca é mais rápida.

— E decidimos não alocá-la em nenhum outro projeto pelos próximos dois meses — continua ela. — Encare como um período sabático. Dois meses de férias. Você não tem permissão para voltar ao escritório da Selmount até estar descansada e relaxada, até não ter mais a aparência de alguém que passou um ano em uma zona de guerra. Entendido?

— Realmente não é necessário — digo. — Rebecca, por favor. Me dê uma chance de provar que eu...

— Isso é um puta presente, Leena — retruca ela, irritada. — Licença remunerada! Por dois meses!

— Não quero. Quero trabalhar.

— É mesmo? Porque sua cara está dizendo que você quer *dormir*. Acha que eu não sei que você trabalhou até as duas da manhã todos os dias dessa semana?

— Sinto muito. Sei que deveria ter respeitado o horário de trabalho regular... foram só umas...

— Não estou criticando você pela forma como gerencia seu horário de trabalho, estou perguntando *quando você descansa*, mulher.

Judy solta uma sequência de tossidas baixas diante disso. Rebecca lança outro olhar irritado para ela.

— Uma semana — apelo, desesperada. — Vou tirar uma semana de folga, descansar um pouco, e então quando eu voltar...

— Dois. Meses. Fora. Daqui. É isso. Não está aberto a negociação, Leena. Você precisa disso. Não me faça colocar o RH em cima de você para provar. — Isso é dito com um movimento significativo de cabeça na direção de Judy, que levanta o queixo como se alguém tivesse batido palmas de repente diante do rosto dela, ou talvez dado um peteleco em sua testa.

Posso sentir a minha respiração voltando a acelerar. Sim, tenho tido alguns problemas, mas não posso ficar dois meses fora. Não posso. A Selmount dá muita importância à reputação — se eu sair do jogo por oito

semanas inteiras, depois daquela reunião com a Upgo, vou virar motivo de escárnio.

— Nada vai mudar em oito semanas — diz Rebecca. — Certo? Vamos estar aqui quando você voltar. E você ainda vai ser Leena Cotton, a sênior mais jovem, a funcionária que mais trabalha, a mais esperta. — Ela me encara fixamente. — Todo mundo precisa de uma folga de vez em quando. Até você.

Saio da reunião me sentindo fisicamente mal. Achei que iam me demitir — já tinha preparado todo o discurso sobre demissão sem justa causa. Mas... um período sabático?

— E então? — diz Bee, aparecendo tão de repente na minha frente que quase a atropelo. — Estava por perto — explica. — O que a Rebecca falou?

— Ela disse que eu... tenho que tirar férias.

Bee parece confusa por um momento.

— Vamos sair mais cedo para o almoço.

Enquanto driblamos turistas e executivos ao longo da Commercial Street, meu celular toca. Olho para a tela do aparelho na minha mão, tropeço e quase esbarro em um homem com um cigarro eletrônico pendurado na boca como um cachimbo.

Bee olha de relance para a tela do celular por cima do meu ombro.

— Você não precisa atender agora. Pode deixar tocar.

Meus dedos pairam sobre o ícone verde na tela. Esbarro com o ombro em um homem de terno que está passando, ele estala a língua, irritado, enquanto saio cambaleando pela calçada, e Bee precisa me amparar.

— O que você me aconselharia a fazer se eu estivesse no seu lugar nesse momento? — arrisca Bee.

Atendo à ligação. Bee suspira e empurra a porta do Watson's Café, nosso refúgio nas raras e especiais ocasiões em que saímos do escritório da Selmount para comer.

— Oi, mãe — cumprimento.

— Leena, oi!

Estremeço. Ela está toda animada e com um tom falsamente casual, como se tivesse ensaiado as palavras antes de fazer a ligação.

— Queria falar com você sobre hipnoterapia — diz.

Eu me sento diante de Bee.

— O quê?

— Hipnoterapia — repete a minha mãe, com um pouco menos de confiança dessa vez. — Já ouviu falar? Tem uma pessoa que faz isso aqui em Leeds, e acho que poderia ser muito bom para nós duas, Leena. Talvez pudéssemos fazer juntas, na próxima vez que vier me visitar. O que acha?

— Não preciso de hipnoterapia, mãe.

— Não se trata de hipnotizar as pessoas como o Derren Brown, aquele ilusionista, faz, nem nada assim, é...

— Não preciso de hipnoterapia, mãe. — A minha voz sai irritada, e posso ouvir a tristeza da minha mãe no silêncio que se segue. Fecho os olhos e acalmo a respiração. — Fique à vontade se quiser tentar, mas eu estou bem.

— Só acho... que talvez, talvez, fosse bom para nós fazer alguma coisa juntas, não precisa ser terapia, mas...

Percebo que ela abandonou a "hipnose". Coloco o cabelo para trás, sinto a rigidez já familiar do spray fixador entre os dedos e evito o olhar de Bee do outro lado da mesa.

— Acho que deveríamos tentar conversar, talvez em algum lugar onde... não fosse possível falar coisas que machucam. Apenas um diálogo positivo — completa mamãe.

Por trás da conversa, percebo a influência do mais recente livro de autoajuda que minha mãe andou lendo. Está no uso cuidadoso da voz passiva, no tom comedido, no *diálogo positivo* e *coisas que machucam*. Mas, por mais que aquilo mexa comigo, por mais que me deixe com vontade de dizer *Sim, mãe, o que puder ajudar você a se sentir melhor*, lembro-me da escolha que ela ajudou Carla a fazer. Como deixou a minha irmã escolher interromper o tratamento e... desistir.

Acho que nem mesmo o tipo de hipnoterapia de Derren Brown seria capaz de me ajudar a lidar com isso.

— Vou pensar — digo. — Tchau, mãe.

— Tchau, Leena.

Bee fica só me olhando do outro lado da mesa, dando tempo para que eu me recomponha.

— E então? — diz, por fim.

Bee passou todo o último ano trabalhando comigo no projeto da Upgo, me viu todos os dias desde a morte de Carla e sabe tanto sobre meu relacionamento com minha mãe quanto meu namorado, se não mais — só consigo ver Ethan nos fins de semana e em algumas poucas noites no meio da semana, quando nós dois conseguimos sair do trabalho a tempo, enquanto Bee e eu passamos cerca de dezesseis horas por dia juntas.

Esfrego os olhos com força e minhas mãos saem manchadas de rímel. Devo estar um horror.

— Você estava certa. Eu não deveria ter atendido. Lidei da pior maneira possível.

— Pois me pareceu que você lidou muito bem com tudo — diz Bee.

— Por favor, vamos falar sobre outro assunto. Qualquer coisa que não seja a minha família. Ou o trabalho. Ou qualquer coisa tão desastrosa quanto. Me conte sobre o encontro de ontem à noite.

— Se quer um assunto não desastroso, vai precisar escolher outra opção — declara Bee, recostando-se na cadeira.

— Ah, não! Foi ruim? — pergunto.

Pisco para conter as lágrimas, mas Bee gentilmente continua a falar, fingindo não perceber.

— Sim. Terrível. Soube que era um erro assim que ele se inclinou para me dar um beijo na bochecha e eu só consegui sentir o cheiro de mofo da toalha úmida que ele deve ter usado para secar o rosto.

Deu certo — é nojento o bastante para me trazer de volta para o presente.

— Eca — digo.

— E ele também tinha uma remela enorme no canto do olho. Como uma meleca no olho.

— Ah, Bee... — Fico tentando encontrar a forma certa de dizer para ela parar de desistir tão rápido das pessoas, mas meus poderes de convencimento parecem ter me abandonado, e, de qualquer forma, o lance da toalha é mesmo nojento.

— Estou prestes a desistir e encarar uma eternidade como mãe solo — diz Bee, tentando chamar a atenção do garçom. — Cheguei à conclusão de que ter encontros é realmente pior do que a solidão. Quando a gente está sozinha pelo menos não fica alimentando esperanças, não é?

— Sem esperança?

— Isso. Sem esperança. É uma maravilha. Sabemos exatamente onde estamos... sozinhos como nascemos, e como morreremos, e coisa e tal... Enquanto ter encontros, nossa, ter encontros *enche* a gente de esperança. Toda vez que você acha que encontrou um homem bom, gentil... — Ela estala os dedos. — Logo aparecem os problemas com a mãe, os egos frágeis e os fetiches estranhos com queijo.

O garçom finalmente olha em nossa direção.

— O de sempre? — pergunta ele do outro lado do café.

— Isso! Com calda extra nas panquecas dela! — grita Bee de volta, apontando para mim.

— Fetiches com *queijo*? — pergunto.

— Digamos que talvez eu tenha visto algumas fotos que fizeram com que eu não chegue nem perto de brie.

— Brie? — digo, horrorizada. — Mas... ah, nossa, brie é tão delicioso! Como alguém poderia corromper um brie?

Bee dá um tapinha carinhoso na minha mão.

— Imagino que você nunca vai precisar descobrir, amiga. Na verdade, sim, se eu deveria estar animando você, por que não estamos conversando sobre a *sua* vida amorosa perfeita? Com certeza já estamos na contagem regressiva para que Ethan faça o pedido. — Ela repara na minha expressão. — Não? Também não quer falar sobre isso?

— Eu só... — Abano a mão e sinto as lágrimas chegando de novo. — Estou em uma grande onda de horror. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus.

— A que crise na vida se referem tantos "ai, meu Deus", só para eu saber? — pergunta Bee.

— Trabalho. — Pressiono os dedos contra os olhos até doer. — Não consigo acreditar que não vão me alocar em nenhum projeto por dois meses inteiros. É como uma... como uma minidemissão.

— Na verdade — corrige Bee, e seu tom me faz afastar as mãos do rosto e abrir os olhos —, são férias de dois meses.

— Sim, mas...

— Leena, amo você e sei que tem um monte de merda acontecendo na sua vida nesse momento, mas, por favor, tente ver isso como uma coisa boa. Porque vai ser muito difícil continuar amando você se estiver determinada a passar as próximas oito semanas reclamando por ter recebido dois meses de licença remunerada.

— Ah, eu...

— Você poderia ir para Bali! Ou explorar a Floresta Amazônica! Ou velejar ao redor do mundo! — Ela ergue as sobrancelhas. — Sabe o que eu daria para ter esse tipo de liberdade?

Engulo em seco.

— Sim. Você está certa. Desculpa, Bee.

— Não tem problema. Sei que para você a situação é mais do que um tempo longe do trabalho. Mas pense um pouco naqueles que, como eu, passam as férias em museus de dinossauros cheios de crianças de nove anos, ok?

Inspiro e expiro lentamente, tentando assimilar aquilo.

— Obrigada — digo, vendo o garçom se aproximar da mesa. — Eu precisava escutar isso.

Bee sorri para mim, então baixa os olhos para o prato à sua frente.

— Sabe — diz ela, em um tom casual —, você *poderia* usar esse tempo de folga para voltar a pegar no nosso plano de negócio.

Isso me deixa desconfortável. Já faz dois anos que Bee e eu planejamos montar a nossa própria consultoria — estávamos quase prontas quando Carla ficou doente. Agora as coisas meio que... empacaram um pouco.

— Sim! — digo, o mais animada que consigo. — Com certeza.

Bee levanta uma das sobrancelhas. Afundo na cadeira.

— Desculpa de verdade, Bee. Eu quero, realmente quero fazer isso, só que parece... impossível agora. Como vamos colocar o nosso próprio negócio para funcionar quando eu mal consigo me manter no emprego na Selmount?

Ela mastiga um pedaço de panqueca, parecendo pensativa.

— Certo — diz. — A sua confiança recebeu um golpe e tanto nos últimos tempos, eu entendo. Posso esperar. Mas, mesmo que você não use esse tempo de folga para trabalhar no nosso plano de negócio, devia usar para trabalhar em *você*. A minha Leena Cotton não fala "se manter no emprego" como se isso fosse o melhor que ela conseguisse, e com certeza não usa a palavra "impossível". E quero a minha Leena Cotton de volta. Portanto — ela aponta o garfo para mim —, você tem dois meses para trazê-la de volta.

— Como eu vou fazer isso?

Bee dá de ombros.

— Essa parte do "se descobrir" não é exatamente meu forte. Estou apenas montando a estratégia aqui... Você fica responsável pelos resultados.

Aquilo consegue me arrancar uma risada.

— Obrigada, Bee — digo de repente, e estendo a mão para apertar a dela. — Você é incrível. De verdade. É fenomenal.

— Hum, bem... Diga isso aos homens solteiros de Londres, amiga — retruca ela, dando mais um tapinha carinhoso na minha mão e voltando a pegar o garfo.

2

Eileen

Já se passaram quatro gloriosos meses desde que meu marido se mandou com nossa professora de dança, e, até este exato momento, não senti falta dele nem uma vez.

Observo o pote de vidro em cima do aparador com os olhos semicerrados. Meu pulso ainda dói depois de ter passado quinze minutos tentando abrir a tampa, mas me recuso a desistir. Algumas mulheres moram sozinhas a vida toda e *elas* comem coisas que vêm em potes de vidro.

Encaro o pote e tento me incentivar. Sou uma mulher de setenta e nove anos. Já dei à luz. Já me acorrentei a uma escavadora para salvar uma floresta. Já confrontei Betsy sobre as novas regras de estacionamento na Lower Lane.

Sou capaz de abrir esse maldito vidro de molho de macarrão.

Dec me observa do parapeito da janela, enquanto procuro em uma gaveta da cozinha algum instrumento que seja capaz de fazer o trabalho que meus dedos cada vez mais inúteis não são.

— Você acha que sou uma velha maluca, não acha? — pergunto ao gato.

Dec balança o rabo com um sussurro. É um sussurro sardônico. *Todos os humanos são malucos*, diz aquele sussurrar. *Você deveria seguir meu exemplo. Faço com que meus potes sejam abertos para mim.*

— Ora, agradeça que sua refeição dessa noite vai sair de um saquinho — digo a ele, agitando uma colher de espaguete em sua direção.

Eu nem gosto de gatos. Foi ideia de Wade pegar os gatinhos no ano passado, mas ele perdeu interesse em Ant e Dec quando descobriu a Srta. Dançarina e decidiu que Hamleigh era pequena demais para ele e que só velhos tinham gatos. *Você pode ficar com os dois*, disse ele, com um ar muito magnânimo. *Eles combinam mais com o seu estilo de vida.*

Babaca presunçoso. Ele é ainda mais velho do que eu — vai fazer oitenta e um em setembro. E quanto ao meu estilo de vida... Ora. Espere só para ver, Wade Cotton. Espere só para ver, maldito.

— As coisas vão mudar por aqui, Declan — digo ao gato, fechando os dedos ao redor da faca de pão no fundo da gaveta.

Dec pisca lentamente, sem parecer nada impressionado, então arregala os olhos e dispara para fora da janela enquanto ergo a faca com as duas mãos e cravo na tampa do pote de vidro. Deixo escapar um *ahá!* baixinho quando acerto. São necessários alguns golpes, como um assassino amador em uma história da Agatha Christie, mas, dessa vez, quando giro a tampa, ela abre com facilidade. Cantarolo para mim mesma enquanto viro triunfante o conteúdo do vidro na panela.

Pronto. Depois de aquecer o molho e cozinhar a massa, volto a me sentar diante da mesa de jantar com meu chá e examino a minha lista.

Basil Wallingham

Prós:

- Mora aqui na mesma rua... não é muito longe para ir a pé
- Tem dentes
- Ainda tem energia para espantar esquilos dos comedores de passarinhos

Contras:

- Incrivelmente entediante
- Está sempre usando tweed
- É quase fascista

Sr. Rogers

Prós:
- Tem só 67 anos
- Não é careca (muito impressionante)
- Dança como o Pasha daquele programa de TV (mais impressionante ainda)
- É educado com todo mundo, até mesmo com Basil (o que é ainda mais impressionante)

Contras:
- É um homem extremamente religioso. Muito beato. Possivelmente sem graça na cama?
- Só vem a Hamleigh uma vez por mês
- Não mostra qualquer sinal de interesse em ninguém que não Jesus

Dr. Piotr Nowak

Prós:
- Polonês. Que empolgante!
- Médico. Útil no caso de alguma enfermidade
- Bom de papo e excelente jogando Scrabble

Contras:
- Bem mais novo do que eu (59 anos)
- Quase com certeza ainda apaixonado pela ex-esposa
- Se parece um pouco com Wade (o que não é culpa dele, mas é desagradável)

Mastigo lentamente e levanto a caneta do papel. Venho ignorando a ideia o dia todo, mas... realmente deveria listar *todos* os cavalheiros sem compromisso que tenham a idade certa. Afinal, coloquei Basil na lista, não é?

Arnold Macintyre

Prós:
- Mora na casa ao lado
- Tem idade apropriada (72 anos)

Contras:
- É um ser humano insuportável
- Envenenou meu coelho (verdade que isso ainda não foi provado, mas sei que foi ele)
- Derrubou minha árvore cheia de ninhos de passarinhos
- Acaba com toda a alegria do mundo
- Deve lanchar gatinhos no café da manhã
- Provavelmente descende de ogros
- Me odeia quase tanto quanto eu o odeio

Risco *provavelmente descende de ogros* depois de um instante, porque é injusto envolver os pais dele nisso — por tudo o que eu sei, eles talvez tenham sido boas pessoas. Mas mantenho a parte dos gatinhos.

Pronto. Uma lista completa. Inclino a cabeça, mas a relação parece tão desoladora desse ângulo quanto vista de frente. Tenho que encarar a verdade: as opções são muito escassas aqui em Hamleigh-in-Harksdale, com uma população de cento e sessenta e oito pessoas. Se quero encontrar o amor nesse ponto da vida, preciso ampliar meus horizontes. Até Tauntingham, por exemplo. Há pelo menos duzentas pessoas em Tauntingham, e fica a apenas meia hora de ônibus.

O telefone toca. Consigo chegar à sala de estar bem a tempo de atender.

— Alô?

— Vó? É a Leena.

Sorrio animada.

— Espere, deixe eu me sentar.

Eu me acomodo na minha poltrona favorita, a verde estampada com rosas. Esse telefonema é a melhor parte de qualquer um dos meus dias.

Mesmo quando são conversas de absoluta tristeza, quando falamos apenas sobre a morte de Carla — ou sobre qualquer outra coisa que não isso, porque o assunto é doloroso demais —, mesmo então, os telefonemas de Leena me dão força para seguir em frente.

— Como você está, querida? — pergunto a Leena.

— Estou bem, e você?

Estreito os olhos.

— Você não está bem.

— Eu sei. Respondi no automático, desculpe. Como quando alguém espirra e a gente diz "saúde". — Eu a escuto engolir em seco. — Vó, eu tive um... um ataque de pânico no trabalho. Eles me obrigaram a tirar dois meses sabáticos.

— Ah, Leena! — Levo a mão ao coração. — Mas tirar uma folga não é ruim — me apresso a dizer. — Um descanso de tudo vai lhe fazer bem.

— Estão me jogando para escanteio. Tenho vacilado demais, vó.

— Ora, isso é compreensível, levando-se em conta...

— Não — interrompe ela, a voz embargada —, não é. Nossa, eu... eu prometi para a Carla, disse a ela que não ia deixar que a perda dela me afetasse no trabalho, e ela sempre disse... disse que sentia tanto orgulho, mas agora eu...

Ela está chorando. Minhas mãos apertam meu cardigã, como Ant ou Dec fazem com as patas quando estão sentados no meu colo. Mesmo quando criança, Leena raramente chorava. Diferentemente de Carla. Quando Carla estava chateada, jogava os braços para cima, a própria imagem do desespero, como uma atriz melodramática em uma peça — era difícil não rir. Mas Leena só franzia a testa, abaixava a cabeça e nos mirava com uma expressão de reprovação nos olhos de cílios longos e escuros.

— Ah, meu bem. A Carla iria querer que você tirasse férias — digo a ela.

— Sei que eu deveria estar pensando nisso como sendo férias, mas não consigo. É só que... odeio ter falhado. — A frase sai abafada, como se ela estivesse com o rosto enfiado nas mãos.

Tiro os óculos e esfrego o nariz.

— Você não *falhou*, querida. Você está estressada, é isso. Por que não vem passar o fim de semana aqui? Tudo fica melhor com uma boa xícara de chocolate quente. Vamos conseguir conversar direito e você vai poder descansar um pouco disso tudo aqui em Hamleigh...

Há um longo silêncio.

— Faz tanto tempo que você não vem me visitar... — digo, hesitante.

— Eu sei. Sinto muito mesmo, vó.

— Ah, não tem problema. Você veio quando o Wade foi embora, sempre serei grata por isso. E tenho muita sorte de ter uma neta que me liga com tanta frequência.

— Mas eu sei que conversar ao telefone não é a mesma coisa. E não é que eu... Sabe que eu adoraria ver você.

Nenhuma menção à mãe dela. Antes da morte de Carla, Leena visitava Marian pelo menos uma vez por mês. Quando isso vai passar, esse desentendimento tão triste entre elas? Tenho sempre muito cuidado de não tocar nesse assunto do relacionamento das duas... Realmente não quero interferir, não cabe a mim. Mas...

— A sua mãe ligou para você?

Outro longo silêncio.

— Ligou.

— Sobre... — Com que mesmo ela tinha cismado? — Hiperterapia?

— Hipnoterapia.

— Ah, isso.

Leena não diz nada. Como é *dura* a nossa Leena. Como as duas vão conseguir superar isso algum dia quando ambas são tão absurdamente teimosas?

— Tudo bem. Não vou me meter — digo, diante do silêncio.

— Sinto muito, vó. Sei que é difícil para você.

— Não, não, não se preocupe comigo. Mas você vai pensar na possibilidade de vir até aqui no fim de semana? É difícil ajudar com você estando tão longe, querida.

Escuto Leena fungando.

— Sabe de uma coisa, vó? Eu vou. Já estava mesmo querendo ir e... e vou adorar ver você.

— Oba! — comemoro, sorrindo. — Vai ser incrível. Vou preparar seus pratos favoritos para o chá e colocar você a par de todas as fofocas da cidade. O Roland está fazendo dieta, você sabe. E a Betsy tentou pintar o cabelo, mas deu errado e tive que levá-la de carro para o cabeleireiro com um pano de prato na cabeça.

Leena abafa uma risadinha.

— Obrigada, vó — diz ela, depois de um momento. — Você sempre sabe como fazer com que eu me sinta melhor.

— É isso que as Eileens fazem — digo. — Cuidam umas das outras.

Eu costumava dizer isso quando ela era criança — o nome verdadeiro de Leena também é Eileen. Marian a batizou em minha homenagem quando todos achamos que eu morreria depois de uma pneumonia forte no início dos anos 1990. Quando enfim percebemos que eu não estava às portas da morte, tudo ficou muito confuso, e assim Leena se tornou Leena.

— Amo você, vó — diz ela.

— Também amo você, meu bem.

Depois que Leena desliga o telefone, percebo que não contei a ela sobre o meu novo projeto, e lamento. Prometi a mim mesma que contaria na próxima vez que ela telefonasse. Não que eu esteja com vergonha por estar procurando pelo amor. Mas pessoas jovens costumam achar engraçado que os velhos queiram se apaixonar. Não é de maldade, elas só não pensam sobre o assunto, como quando rimos das crianças agindo como adultos, ou como quando maridos tentam ir ao mercado.

Volto para a sala de jantar e, quando chego lá, olho a minha lista deprimente de bons partidos em Hamleigh. Tudo parece tão insignificante agora... Só consigo pensar em Carla. Tento pensar em outras coisas — os paletós de tweed de Basil, a ex-esposa de Piotr —, mas não adianta, então me sento e me permito lembrar.

Eu me lembro de Carla ainda menina, com os cachos desarrumados e os joelhos ralados, segurando a mão da irmã. Lembro-me dela, já uma moça, usando uma camiseta surrada do Greenpeace, magra demais, mas sorrindo, cheia de energia. Então, me lembro de Carla deitada na sala de

Marian. Emaciada, abatida e lutando contra o câncer com todas as forças que lhe restavam.

Eu não deveria pensar nela dessa forma, como se parecesse fraca — ela ainda era Carla, ainda cheia de energia para a batalha. Mesmo na última visita de Leena, poucos dias antes de morrer, Carla não aceitou qualquer fraqueza por parte da irmã mais velha.

Ela estava em um leito de hospital especial, instalado na sala de Marian uma noite por um grupo gentil da equipe do Sistema Nacional de Saúde, que arrumou tudo com uma eficiência impressionante e terminou antes que eu tivesse tempo de sequer preparar uma xícara de chá para eles. Marian e eu estávamos paradas à porta. Leena estava ao lado da cama, na poltrona que tínhamos colocado ali e nunca mais tirado. A arrumação da sala agora já não era mais ao redor da televisão, mas ao redor da cama, com as barras cor de creme de cada lado do colchão e aquele controle remoto cinza, sempre perdido embaixo das cobertas, para ajustar a altura da cama e erguer Carla quando ela queria se sentar.

— Você é incrível — disse Leena à irmã, os olhos brilhando de lágrimas. — Acho você... acho você incrível, muito corajosa, e...

Carla estendeu a mão, mais rápida do que imaginei que poderia, àquela altura, e cutucou o braço da irmã.

— Pare já com isso. Você jamais diria esse tipo de coisa se eu não estivesse morrendo. — Mesmo rouca e fraca, era possível ouvir o humor na voz dela. — Está muito mais legal comigo agora. É esquisito. Sinto saudade de você brigando comigo por desperdiçar a minha vida.

Leena fez uma careta.

— Eu não...

— Leena, não tem problema, estou brincando.

Leena se agitou na poltrona, desconfortável, e Carla levantou os olhos para o teto, como se dissesse, *Ah, pelo amor de Deus*. Àquela altura, eu já tinha me acostumado ao rosto dela sem sobrancelhas, mas lembro como pareceu estranho a princípio — mais estranho, de certa forma, do que a perda dos longos cachos castanhos.

— Tudo bem, tudo bem. Vou falar sério — disse Carla.

Ela olhou de relance para mim e para Marian, então pegou a mão da irmã, seus dedos pálidos demais contra a pele bronzeada de Leena.

— Certo? Estou no modo séria agora. — Carla fechou os olhos por um momento. — Tenho algumas coisas para dizer a você, sabe. Coisas sérias. — Ela abriu os olhos então e os fixou em Leena. — Você se lembra daquele verão em que fomos acampar juntas, quando você já estava na universidade, mas tinha vindo passar um tempo em casa, e me disse que achava que a consultoria de negócios era a forma de mudar o mundo e eu ri? Então conversamos sobre capitalismo?

— Lembro — disse Leena.

— Eu não deveria ter rido. — Carla engoliu e a dor ficou visível em suas feições, uma tensão ao redor dos olhos, um tremor nos lábios secos. — Eu deveria ter ouvido e dito que estava muito orgulhosa de você. Leena, de certa forma você está moldando o mundo... está fazendo dele um lugar melhor, e o mundo precisa de pessoas assim. Quero que você tire de cena todos os homens velhos e chatos e quero que seja a protagonista. Monte o seu negócio. Ajude as pessoas. E me prometa que não vai deixar que minha partida seja um obstáculo.

Leena estava chorando a essa altura, os ombros curvados e tremendo. Carla balançou a cabeça.

— Leena, pode parar? Nossa, isso é que dá falar sério! Vou ter que cutucar você de novo?

— Não — respondeu Leena em meio às lágrimas. — Não, por favor, não. Na verdade, doeu.

— Muito bem. Saiba apenas que sempre que deixar uma oportunidade escapar, sempre que duvidar de sua capacidade, sempre que pensar em desistir de *qualquer coisa* que queira... vou estar cutucando você do além.

E essa era Carla Cotton.

Era intensa, boba e sabia que não conseguiríamos nos virar sem ela.

Marian. Emaciada, abatida e lutando contra o câncer com todas as forças que lhe restavam.

Eu não deveria pensar nela dessa forma, como se parecesse fraca — ela ainda era Carla, ainda cheia de energia para a batalha. Mesmo na última visita de Leena, poucos dias antes de morrer, Carla não aceitou qualquer fraqueza por parte da irmã mais velha.

Ela estava em um leito de hospital especial, instalado na sala de Marian uma noite por um grupo gentil da equipe do Sistema Nacional de Saúde, que arrumou tudo com uma eficiência impressionante e terminou antes que eu tivesse tempo de sequer preparar uma xícara de chá para eles. Marian e eu estávamos paradas à porta. Leena estava ao lado da cama, na poltrona que tínhamos colocado ali e nunca mais tirado. A arrumação da sala agora já não era mais ao redor da televisão, mas ao redor da cama, com as barras cor de creme de cada lado do colchão e aquele controle remoto cinza, sempre perdido embaixo das cobertas, para ajustar a altura da cama e erguer Carla quando ela queria se sentar.

— Você é incrível — disse Leena à irmã, os olhos brilhando de lágrimas. — Acho você... acho você incrível, muito corajosa, e...

Carla estendeu a mão, mais rápida do que imaginei que poderia, àquela altura, e cutucou o braço da irmã.

— Pare já com isso. Você jamais diria esse tipo de coisa se eu não estivesse morrendo. — Mesmo rouca e fraca, era possível ouvir o humor na voz dela. — Está muito mais legal comigo agora. É esquisito. Sinto saudade de você brigando comigo por desperdiçar a minha vida.

Leena fez uma careta.

— Eu não...

— Leena, não tem problema, estou brincando.

Leena se agitou na poltrona, desconfortável, e Carla levantou os olhos para o teto, como se dissesse, *Ah, pelo amor de Deus*. Àquela altura, eu já tinha me acostumado ao rosto dela sem sobrancelhas, mas lembro como pareceu estranho a princípio — mais estranho, de certa forma, do que a perda dos longos cachos castanhos.

— Tudo bem, tudo bem. Vou falar sério — disse Carla.

Ela olhou de relance para mim e para Marian, então pegou a mão da irmã, seus dedos pálidos demais contra a pele bronzeada de Leena.

— Certo? Estou no modo séria agora. — Carla fechou os olhos por um momento. — Tenho algumas coisas para dizer a você, sabe. Coisas sérias. — Ela abriu os olhos então e os fixou em Leena. — Você se lembra daquele verão em que fomos acampar juntas, quando você já estava na universidade, mas tinha vindo passar um tempo em casa, e me disse que achava que a consultoria de negócios era a forma de mudar o mundo e eu ri? Então conversamos sobre capitalismo?

— Lembro — disse Leena.

— Eu não deveria ter rido. — Carla engoliu e a dor ficou visível em suas feições, uma tensão ao redor dos olhos, um tremor nos lábios secos. — Eu deveria ter ouvido e dito que estava muito orgulhosa de você. Leena, de certa forma você está moldando o mundo... está fazendo dele um lugar melhor, e o mundo precisa de pessoas assim. Quero que você tire de cena todos os homens velhos e chatos e quero que seja a protagonista. Monte o seu negócio. Ajude as pessoas. E me prometa que não vai deixar que minha partida seja um obstáculo.

Leena estava chorando a essa altura, os ombros curvados e tremendo. Carla balançou a cabeça.

— Leena, pode parar? Nossa, isso é que dá falar sério! Vou ter que cutucar você de novo?

— Não — respondeu Leena em meio às lágrimas. — Não, por favor, não. Na verdade, doeu.

— Muito bem. Saiba apenas que sempre que deixar uma oportunidade escapar, sempre que duvidar de sua capacidade, sempre que pensar em desistir de *qualquer coisa* que queira... vou estar cutucando você do além.

E essa era Carla Cotton.

Era intensa, boba e sabia que não conseguiríamos nos virar sem ela.

LEENA COTTON TEM 29 ANOS e sente que já não é mais a mesma. Eileen Cotton tem 79, e está em busca de um novo amor. Tudo de que neta e avó precisam no momento é pôr em prática uma mudança radical. Então, para colocar suas respectivas vidas de volta nos trilhos, as duas têm uma ideia inusitada: trocar de lugar uma com a outra.

Leena sabe que precisa descansar, mas imagina que a parte mais difícil será se adaptar à calmaria da cidadezinha onde a avó mora. Cadastrada em um site de relacionamentos, Eileen por sua vez embarca na aventura com a qual sonha desde a juventude. Dividindo o apartamento com dois amigos da neta, ela logo percebe que na cidade grande suas ideias mirabolantes não são tão complicadas assim...

Ao trocar não só de casas, mas de celulares e computadores, de amigos e rotinas, Leena e Eileen vão descobrir muito mais sobre si mesmas do que imaginam. E se tudo der certo, talvez destrocar não seja a melhor solução.

SAIBA MAIS:
www.intrinseca.com.br/livro/999